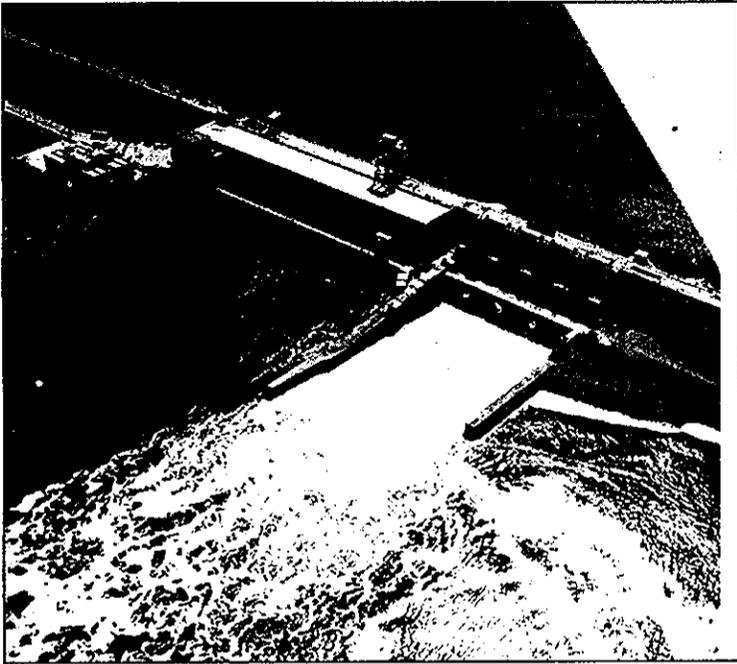


**ENERGIA**



Divulgação

Vinte e cinco mil animais perderam hábitat por causa da hidrelétrica

## Considerada um atentado à ecologia, Balbina faz 10 anos

*Hidrelétrica custou US\$ 1 bilhão e inundou 2.380 quilômetros quadrados de floresta*

**M**ANAUS – A Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte) tem poucos motivos para comemorar os dez anos de funcionamento da Hidrelétrica de Balbina, completados no dia 17. Para produzir 250 megawatts, o governo gastou US\$ 1 bilhão na usina, que exigiu a inundação de 2.380 quilômetros quadrados de floresta e cujos efeitos ambientais fizeram com que fosse considerada um dos maiores atentados mundiais à ecologia.

Nos resgates que se seguiram à formação do lago de Balbina, cerca de 25 mil animais perderam seu hábitat. Trinta mil hectares das terras dos índios uaimiris-atroaris ficaram submersos, justamente no período em que eles estavam mais ameaçados de extinção, por causa da abertura da BR-174 (a Amazonas-Roraima).

Atualmente, a usina, localizada no Rio Uatumã, em Presidente Figueiredo, a 146 quilômetros ao norte de Manaus, não consegue suprir a demanda do 1,5 milhão de habitantes da capital do Amazonas,

obrigando a Eletronorte a recorrer a produtores independentes. E vende a energia mais cara do País: R\$ 90 o megawatt/hora.

“A construção de Balbina não foi uma decisão técnica, tendo sido definida sem a devida consulta popular”, afirma o presidente do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas, Vicente Nogueira. “A Eletronorte negou muitas das consequências ambientais, como a inundação das terras indígenas”, destaca Nogueira, que na época da construção da hidrelétrica era pró-reitor da Universidade do Amazonas e preparou o parecer ambiental sobre a obra, recusado pelo governo do Estado.

“Mesmo enfrentando críticas de ambientalistas do mundo inteiro e o desconhecimento da Amazônia, Balbina gera vida e divisas ao Brasil”, argumenta o presidente

da Eletronorte, José Muniz Lopes. Para ele, a hidrelétrica permitiu que as autoridades do setor aprendessem várias lições: “Balbina nos proporcionou aprimoramento da questão ambiental.”

**Projetos** – Atualmente, a Eletronorte gasta R\$ 1 milhão por ano para manter os seis projetos criados em 1986 para a recuperação ambiental na região da hidrelétrica. Um deles é o Programa Uaimiri-Atroari, que conseguiu reduzir a mortalidade entre os índios. Além de resgatar as práticas culturais da tribo, o projeto permitiu que 40% dos índios fossem alfabetizados e sua reserva de 2,5 milhões de hectares fosse demarcada. Hoje, os 804 uaimiris-atroaris detêm um patrimônio líquido de US\$ 1,5 milhão e apresentam um crescimento populacional de 7% ao ano.

Um outro projeto, desenvolvido pelo Centro de Preservação e Pesquisa de Quelônios Aquáticos (CPPMA), em parceria com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), possibilitou que as tartarugas voltassem a desovar na região, graças à construção de duas praias artificiais à margem do lago da hidrelétrica.

“Esse é um projeto fundamental porque, até hoje, os quelônios mantêm o mesmo comportamento migratório no Rio Uatumã”, explica Sandra Nascimento, coordenadora do projeto.

O próprio CPPMA é uma das iniciativas mantidas pela Eletronorte. No centro – que também conta com o apoio do Ibama e da Fundação Mamíferos Marinhos –, em tanques localizados numa área próxima da hidrelétrica, vivem filhotes de peixe-boi, botos, ariranhas e lontras, trazidos por ribeirinhos que os retiram das mãos de pescadores.

Lopes destaca que a privatização do setor não prejudicará os projetos em andamento. Segundo o presidente da Eletronorte, será estabelecido nos editais de venda das empresas a garantia da continuidade dessas iniciativas. (K.B.)

**U**SINA NÃO  
CONSEGUE  
SUPRIR A  
DEMANDA